

'DESAFIOS DA EXTENSÃO', INDISSOCIABILIDADE E EVENTOS CULTURAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE VIVÊNCIAS NO SULPET DE 2025

RODRIGO MORAES DE MIRANDA¹; LUCAS NEIVA SILVA²

¹*Universidade Federal do Rio Grande – rodrigomdemiranda@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande – lucasneivasilva@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Portaria MEC n.º 976, de 27 de julho de 2010, o Programa de Educação Tutorial (PET) é caracterizado pelo princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Os grupos PET recebem bolsas de tutoria para o professor-tutor e de iniciação científica para os alunos da graduação, conforme regulamentado pela Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005. Como categoria de direitos, o PET apresenta uma história de significativa mobilização política (ROSIN; GONÇALVES; HIDALGO, 2017) e, não raro, são promovidos eventos de integração da comunidade petiana. A participação nesses eventos oportuniza a construção do senso de pertencimento e a elaboração de novas ideias.

Em alguns casos, é necessário que os petianos realizem deslocamentos para vivenciar essas experiências, variando conforme o âmbito, que pode ser local, estadual, regional ou nacional, como exemplificam o InterPET, o PETchê, o SulPET e o ENAPET, respectivamente. Um elemento recorrente nesses encontros é a colaboração nos Grupos de Discussão e Trabalho (GDT), nos quais se debatem temas relevantes à vivência petiana e se potencializa o processo reflexivo. Isso se evidenciou na XXVII edição do Encontro Regional dos Grupos PET da Região Sul, o SulPET, quando participei do GDT que discutiu o tema “Desafios da Extensão”. Nesta conversa, entre outros tópicos, o princípio de indissociabilidade da tríade e os eventos culturais foram reconhecidos como significativamente relevantes para a superação de certos desafios extensionistas. Sendo assim, este trabalho buscou registrar algumas reflexões suscitadas pelas experiências vividas no SulPET, focando nos tópicos mencionados no GDT.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um relato de experiência com reflexão teórica, construído a partir de vivências no SulPET 2025, sobretudo no Grupo de Discussão e Trabalho (GDT). As experiências no evento deram contexto às reflexões registradas neste trabalho, combinando descrição das situações concretas vivenciadas com interpretações críticas fundamentadas em leituras seletivas e anotações pessoais. Apresento inicialmente desafios discutidos e a relevância do princípio da indissociabilidade para superá-los, seguido de reflexões sobre eventos culturais como estratégias de aproximação com a comunidade. As análises partem do meu interesse acadêmico e da perspectiva de petiano do PET Psicologia FURG.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Começamos o GDT com a pauta sobre o custeio, o valor equivalente a uma bolsa por aluno participante, que deveria ser recebido semestralmente para o

grupo usar nas atividades, mas o pagamento não tem previsão fixa. Além disso, a burocracia para usá-lo e o baixo valor são impeditivos para a extensão de alguns grupos. Um bolsista da área de exatas também relatou ter dificuldade para fazer extensão com os temas do seu curso, restando-lhe fazer atividades distantes da sua área de formação para “não ficar sem nenhuma”. Tais problemas levam a refletir sobre o significado de indissociabilidade do tripé.

Tendo a concordar com TAUCHEN (2009), para quem o conceito “remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia”. Na minha perspectiva, entre outras maneiras, sua efetivação prática gera atividades de cada frente que estão interligadas como elos de uma corrente de aprimoramento. Aqui, a ideia de melhoria inclui a execução das tarefas por um custo reduzido, com mais facilidade ou de forma mais sustentável. Mas considero que a indissociabilidade não poderia se caracterizar simplesmente pelo fato de o grupo desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, como no caso do bolsista, pois esse princípio indica uma articulação entre essas frentes, e não necessariamente o cumprimento de uma lista de tarefas.

Mas o problema dele é legítimo; por isso, são submetidos trabalhos sobre a atuação do PET, isto é, o registro da extensão se torna uma inspiração valiosa para outros grupos. Isso mostra que a pesquisa facilita o processo e fundamenta a extensão, evidenciando como o princípio ajuda a superar tais desafios. Contudo, a justificativa para a extensão emerge do reconhecimento ativo das necessidades da comunidade externa e, geralmente, local (VENTURA, 2023). Logo, para que a extensão atinja os objetivos de democratização do conhecimento acadêmico e participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (GONÇALVES, 2015), é importante que os grupos considerem a visão de mundo das pessoas.

No contexto atual, esse elemento está ameaçado pela virtualidade, onde a juventude encontra exigências irreais de performance, capazes de enfraquecer os vínculos afetivos e de gerar uma desesperança que rejeita a perspectiva de futuro oferecida por modelos conhecidos (PENSO; SENA, 2020). Esta compreensão sugere, no contexto extensionista, não uma aplicação de conhecimentos, mas uma construção conjunta de perspectivas mais amplas, restando duas opções ao petiano: (1) construir uma consciência crítica que articula o conhecimento como ferramenta motivadora de transformação efetiva da realidade (FERREIRA; SANTOS; SOUZA, 2014); e (2) descobrir formas de conhecer os interesses do público-alvo.

Partindo do segundo ponto, fica evidente a necessidade de considerar os signos e os símbolos afetivos de um determinado local para motivar a aproximação da Universidade no contexto da comunidade e efetivar a comunicação entre elas. Partindo desse pressuposto, quando a pauta do GDT passou a ser sobre o esforço de horizontalizar a ciência na relação com saberes populares, eu sugeri que o PET investisse mais em eventos culturais para reunir as pessoas e conhecê-las melhor e informalmente.

Festas, encontros, saraus, passeios, apresentações, exposições, debates e palestras são exemplos de contextos de descontração, recreação e confraternização que ajudam a ressignificar essa percepção de hierarquias. Isso se dá pelo potencial afetivo dos eventos, que organizam e são organizados por pessoas. O contexto festivo instaura uma espécie de caos capaz de dimensionar narrativas e comportamentos geralmente desencorajados, elevando-os a uma condição de peculiaridade da experiência (FERREIRA, 2003). Portanto, os

eventos oportunizam experiências fora da ordem da intencionalidade e da intuição, contribuindo para a redução de preconceitos pela aquisição de repertórios experienciais mais amplos e variados.

No entanto, é importante que sejam considerados fatores de evasão como a periculosidade, a insalubridade e o custo relativos ao local, bem como a vergonha, o desinteresse e a saturação das atividades culturais, relativos à pessoa. Por exemplo, no SulPET, tivemos um momento intitulado “atividade cultural”, que consistiu em uma gincana de brincadeiras competitivas de agilidade, à noite, sem música, sem álcool, sem comida e ao ar livre. Nesse contexto, é esperado que o evento não satisfaça as necessidades psicológicas de pessoas mais introvertidas, orientadas a atividades intelectuais, ou que tenham a bebida como principal referência de diversão em grupo. E, como dificilmente se expõem a tanto sem se sentirem beneficiados com isso, os sujeitos vão buscar o tipo de experiência que desejam para si em outro lugar.

A ausência dessas pessoas dificulta a integração e contribui para um estado cada vez mais cíndido das comunidades, em que diferentes tribos, e as pessoas que não encontram seus pares, compartilham uma característica, mas não experiências afetivas que inauguram relações de reconhecimento mútuo e que fortalecem o senso de comunidade. Por isso, acredito que os eventos culturais precisam de um cuidado e uma intencionalidade científica capazes de furar as bolhas sociais. Para isso, os organizadores poderiam construir um perfil de fatores determinantes para a presença dos sujeitos, a partir da coleta de informações no momento da inscrição no evento.

No GDT, comentei, ainda, que suspeito que parte do motivo para não ocorrer eventos e projetos de extensão criativos e adaptados à realidade local sejam um preciosismo e um receio científico de produzir uma “complexidade monstruosa”, já que a palavra-chave da cultura local é especificidade. Considero que todos estes apontamentos exigem um aprofundamento mais rigoroso em trabalhos futuros e que merecem atenção, principalmente, pelos profissionais da Psicologia e todos os interessados em promover extensão e a cultura.

4. CONSIDERAÇÕES

Diante das reflexões apresentadas, evidencia-se que o fortalecimento do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no PET requer intencionalidade e diálogo constante com a comunidade. As discussões realizadas no GDT do SulPET 2025 mostram que a extensão universitária, quando pensada de modo crítico e culturalmente sensível, favorece vínculos sociais, amplia a participação popular e qualifica a atuação acadêmica. Assim, reafirma-se a necessidade de projetos que integrem saberes e considerem as singularidades locais, potencializando o papel transformador da universidade e inspirando novas práticas nos grupos PET.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005. Institui o Programa de Educação Tutorial (PET) e dá outras providências. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º 976, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial (PET); revoga e altera dispositivos de

portarias anteriores. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 jul. 2010. Seções gerais, p. 103-104. Atualizada pela Portaria n.º 343, de 24 de abril de 2013.

FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, n. 15, p. ?, 2003.

FERREIRA, Renata Viana; SANTOS, Maria Blandina Marques; SOUZA, Katia Reis. Educação e transformação: significações no pensamento de Paulo Freire. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1418-1439, maio/out. 2014. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, set./dez. 2015. DOI: 10.5007/2175-795X.2015v33n3p1229. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1229>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PENSO, Maria Aparecida; SENA, Denise Pereira Alves de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. **Sociedade e Estado**, v. 35, p. 61-81, 2020.

ROSIN, Sheila Maria; GONÇALVES, Antonio Carlos Andrade; HIDALGO, Mirian Marubayashi. Programa de educação tutorial: lutas e conquistas. **ComInG**, v. 2, n. 1, p. 70-79, 2017.

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VENTURA, Marna Laís Bride. **Percepção da comunidade local sobre a atuação de um campus fora de sede a partir da extensão universitária**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Ouro Preto, João Monlevade, MG, 2023.